

Admirou? Admirou por quê?

Azambuja Leal

Uma das coisas que ora mais nos admira é a admiração com que os políticos — e quantos outros em ofícios vários integram o mesmo setor econômico — contemplam “o fenômeno Collor”.

À surpresa inicial seguiu o espanto, ao espanto, a incredulidade, à incredulidade, o ceticismo. Do ceticismo passaram ao exorcismo, “pues, que las hay, las hay...” “Crei’ndospadre! Avemaria, Cruiz-credo!” Alguns presidenciáveis estão queimando arruda, outros encomendando despacho, terceiros, quartos e quintos acumulando “dossiers”. Daí pra frente, os lanterninhas nas pesquisas, como não estão mesmo no páreo, embora continuem a fingir, estão rolando de rir: “Não falei? Bem que eu disse! Não me quise-ram: tá. Bem-feito!... beije ocê que tem mais jeito, ou, pelo menos, está mais perto”.

Os peritos — a imensa fauna dos que gravitam em torno das burras políticas, amojam essas tetas e nelas plantam seus drenos ou tentáculos —, os “cientistas”, os mercadólogos, os cabos, os do ramo, enfim, ao mesmo tempo que buscam freneticamente soluções, oferecem gratuitamente explicações. Mas “o fenômeno”, como os ratos d'A Peste de Camus, nem por isso pára de aumentar e crescer. Continuando no ritmo que vai uns meses mais, antes de novembro a preferência irá além dos 100%, inexistindo ninguém mais a colorir. Pois na política a grande ordem não é a de aderir? Periga “de que” (como hoje se usa dizer) o minúsculo PRN se transforme não no maior partido do Ocidente, mas no partido único dos políticos do País, pois o próprio candidato, assustadíssimo com a verdadeira moagem que o frenesi das massas está provocando nas “estruturas políticas” da Nação, depois de refugar soberbamente umas tantas ou quantas adesões capazes de conspurcar a imaculada pureza de sua mensagem (ou seria massagem?), dá sinais de que começa a aderir à política das adesões. Não fosse ele um político de terceira geração... E daí... e daí...

Daí é que o barquinho vira mesmo o batô-Muxe e a vaquinha arco-íris vai prô brejo, porque o coitado do eleitor não terá mais em quem votar. Já imaginou uma coligação de forças, um conagraamento político, um “front popular”, com o Collor no meio, o Ulysses à direita abraçado nele, o Lula à esquerda pendurado no gargomilo dele, e pra banda de cá e pra banda de lá, que nem nessas fotografias de formatura, quatro presidenciáveis de cada lado em chapa única?

Já vi esse filme antes, com outro ator, numa versão diferente. O mutema da ocasião, uma das maiores raposas de rabo pelado que já apareceu nestas plagas, para escárnio de todos os que eram “do ramo”, montou numa vassoura, levantou vôo contra todos os ventos dos políticos e aterrissou no planalto levado por um verdadeiro furacão eleitoral, para, depois de sete meses de conjunção, com um aborto de golpe renunciar ao mandato de reforma da política existente, deixar o povo chuchando no dedo e

acampar nos subúrbios da mesma como simples pendurador e despendurador de chuteiras. De lá pra cá, marcha-à-ré. “Lo stesso.”

Temos agora um “da cappa”.

As prévias já foram exibidas nas eleições municipais onde as urnas falaram — falaram, não, berraram para quem quis e quem não quis ouvir — que isso aí não queriam, queriam qualquer coisa, desde que fosse diferente. Não houve eleição: houve rejeição. E não foi do governo, da inflação, nada disso não. Foi da política e dos políticos mesmo. O Collor pegou o vento de cauda. Nem precisou falar nada nem precisou colorir. O povão está-se encarregando de pintar sua imagem, só porque, de todos os “eles”, ele é o que parece mais diferente deles todos. E se todos “eles” — “eles”, os “eles” — vierem a público para mostrar que ele é igual a todos, pior: o povão concluirá que se “eles” estão dizendo isso é porque estão com medo dele, por ele não ser igual a eles. (Isto aqui ouvi de um deputado bom de eleição.) E então que... então... se, aproveitando seu trêgo, atávico de terceira geração, o Collor não falar nada nem fizer nada nem se meter a “dar uma” de político... — já ganhou, já ganhou a eleição. É só deixar o povão ir colorindo no vazio e no vão. (Mando a fatura dessa consultoria depois da eleição.)

A explicação disso tudo? Está na cara. Mas o macaco político, como todo macaco, não enxerga o próprio rabo e é isso que os eleitores estão cansados de ver de 85 para cá. A novíssima República, com cara e ares de marafona: a comilança, o deixa-disso, o empurra-empurra, o tome-ferro, os trens da alegria, os aumentos de subsídio em causa própria, o nepotismo, o filhotismo, o viagismo, o caradurismo — tudo aquilo que a política vem fazendo de público e os políticos não se dão ao decore de, ao menos, fazer privadamente, já que “a coisa pública”, por definição, não é privada (ou pelo menos não devia ser). Mas quando se fazem de público tais coisas privadas, como impedir que o povo olhe, e olhando veja, e vendo torça o nariz e, na eleição, lhes torça o rabo?

Como já dizia Descartes, aquele jogador da Portuguesa que fazia dupla com o Sócrates do selecionado grego: as idéias, é preciso tê-las claras e distintas e os problemas complexos não passam de uma maçaroca de problemas simples que se não de resolver um por vez indo de cabo a rabo, a começar do cabo. O cabo pelo qual o povo puxa hoje os problemas que sobre ele a política acumulou começa pela reforma da política e a mudança dos políticos. É isso o que ele entende e que espera poder fazer na próxima eleição. Vai colorindo nisso, por necessidade, sua esperança com suas ilusões. Como já fez em 1960 e desde então, em cada eleição. Tomara não esteja, de novo, pintando um novo pau-de-vassoura, pensando que está pintando o cabo de uma enxada para carpir toda essa tiririca...